

A DANÇA DOS CADEIRANTES NO CORTEJO DA LAVAGEM DO BONFIM

Adriana Priscilla Costa Cavalcanti¹
Luís Vitor Castro Júnior²

Introdução

De dezembro até o Carnaval as festas populares baianas arrastam multidões numa mistura de fé e irreverência pelas ruas de Salvador, incrementando assim, a ideia de que o povo baiano tem uma maneira única de fazer festa.

Este trabalho, originalmente surgiu do projeto de Pesquisa Lazer e Corpo: as expressões artísticas e culturais do corpo nas festas populares baianas, que consiste em pesquisar os saberes (performances) que os corpos expressam utilizando-se de outros signos, outras formas de linguagem e de expressão nas festas.

Para tanto, o foco deste estudo consiste em identificar e analisar os movimentos corporais produzidos pelos os cadeirantes, bem como compreender a inserção dos mesmos no espaço público do cortejo da Lavagem do Bonfim.

Metodologia

A pesquisa é de caráter exploratório-descritivo que se utilizou dos dispositivos de observação participante, imagem fotográfica e imagem em movimento para produção de dados, pois permitem que determinado evento social, em sua dimensão singular, seja estudado em seus atos, atividades, significados e relações.

Também compartilhamos da abordagem da etnocenologia, pois nesta multiplicidade de artes do espetáculo do corpo nos mais diversos espaços (BIÃO, 2009), olha-se os múltiplos lugares das festas, principalmente no que tange os interstícios e suas vizinhanças como as cenas espetaculares dos corpos anônimos produtores de saberes, ainda pouco valorizado.

Apresentação e discussão dos dados

O cortejo da Lavagem do Bonfim alcançou o auge quando em 1937 passou a concentrar-se em frente à igreja da Conceição da Praia (SANTANA, 2009). A partir de então uma multiplicidade de corpos, partem em romaria à Colina Sagrada, encenando estéticas, performances e saberes nas ruas, na porta dos bares e nos embalos do cortejo, demonstrando que *quem tem fé vai a pé*, ou de cadeira de rodas, de joelho, de bicicleta, de carroça, de jegue, de guarda-chuva e até com frevo no pé – todo jeito, enfim, é válido para render graças a Oxalá e Senhor do Bonfim.

Nesse contexto uma das coisas que nos chamou atenção no cortejo foi a performance dos *corpos-cadeirantes*. Corpos que fazem da cadeira de rodas uma extensão do seu corpo; não para materializar o significado de falha ou defeito (FERREIRA, 2002), mas enquanto instrumento que faz parte do processo criativo e performático de um espetáculo em meio à multidão; ao som dos diversos ritmos.

Corroboramos com Ferreira (2002), quando deflagra que a dança em cadeira de rodas apresenta o sentido de prazer no poder fazer o movimento, no qual “produz outros efeitos de sentidos em relação ao que o sujeito é na sociedade” e que “a relação sujeito-dança-sujeito, é um processo que movimenta a identidade do sujeito” (p. 126). Em nosso caso, a dança do *corpo-cadeirante*, produz formas corporais que revelam significados culturais do “não

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Educação Física- UEFS. Estudante Pesquisadora do Grupo de Pesquisa e Extensão Artes do Corpo: memória, imagem e imaginário – UEFS/Rede CEDES.

² Professor Adjunto do Curso de Licenciatura em Educação Física e do Mestrado de Desenho, Cultura e Interatividade da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS. Doutor em História pela PUC/SP. Coordenador do Grupo de Pesquisa e Extensão Artes do Corpo: memória, imagem e imaginário UEFS/Rede CEDES.

